



CIÊNCIA DA LÓGICA E RELAÇÃO EDUCATIVA

João Alberto Wohlfart - FABE

Resumo: O artigo tenta evidenciar alguns fundamentos filosóficos contidos na *Ciência da Lógica*, de Hegel, para a educação. No ano festivo da comemoração dos duzentos anos da publicação e da atualidade da obra, é viável a explicitação de algumas estruturas argumentativas para a Filosofia da Educação. Enfocado nas grandes críticas de Hegel à tradição filosófica e na nova concepção de filosofia desenvolvida pelo filósofo, o artigo tenta mostrar alguns pressupostos filosóficos para a educação implícitos à obra hegeliana. Partindo do livro da *Lógica da essência*, particularmente na parte conclusiva onde Hegel formula a estrutura categorial da efetividade, o artigo destaca uma teoria ontológica da relação. No livro da *Lógica do conceito*, estruturado nos movimentos de particularização e singularização da universalidade e na universalização concreta da particularidade, enfatiza a correspondência hegeliana entre subjetividade e intersubjetividade. O terceiro ponto angular é a concepção hegeliana de método estruturado no desenvolvimento conceitual do conteúdo enquanto círculo dialético de identificação e diferenciação de subjetividade e objetividade.

Palavras-chave: Ciência da Lógica. Relação. Educação. Método. Dialética

Introdução

No ano da comemoração dos duzentos anos de publicação da *Ciência da Lógica*, de Hegel, apresenta-se o desafio filosófico de reflexão acerca da estrutura, da significação filosófica e da atualidade da obra para as mais variadas áreas do saber. De inquestionável complexidade conceitual e sistemática e ampla penetração na tradição clássica da filosofia, a *Ciência da Lógica* projeta-se até os dias atuais como um texto filosófico de alta relevância. A atual década, se considerada conjuntamente, celebra os 200 anos da produção mais rigorosamente sistemática da trajetória da vida intelectual de Hegel. Tendo comemorado os 200 anos da publicação da *Fenomenologia do Espírito* transcorrida no ano de 2007, seguem as comemorações alusivas à publicação da *Ciência da Lógica* e à primeira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, onde Hegel expõe sinteticamente o seu sistema filosófico completo.

O artigo tem como problemática de fundo a formulação de alguns pressupostos ontológicos e epistemológicos implícitos à *Ciência da Lógica* que dão fundamentação filosófica à educação. A reflexão aqui proposta tenta responder à pergunta: quais são as consequências práticas para a educação de pressupostos filosóficos estruturantes desta grande

obra hegeliana? A consequência imediata desta exposição será a formulação de algumas noções básicas para uma Filosofia da Educação construída a partir da *Ciência da Lógica*. De forma direta e imediata, a obra hegeliana em questão foi muito pouco explorada na perspectiva de uma Filosofia da Educação, mas, indiretamente, há uma corrente intensa de argumentos filosóficos em educação que permanecem incompreensíveis se a *Ciência da Lógica* é ignorada.

O texto que segue tem como objeto a formulação de uma teoria da relação educativa inspirada em alguns pilares da *Lógica* hegeliana. Para estender a *Ciência da Lógica* ao campo de uma Filosofia da Educação, serão escolhidos alguns pontos angulares da estrutura do texto que mais se prestam para a dedução de uma teoria educacional. O primeiro ponto a ser sinteticamente explorado é a teoria das relações resultante da síntese entre substancialidade e accidentalidade, essência e aparência. A noção hegeliana de subjetividade, composta pela estrutura categorial de universalidade, particularidade e singularidade, numa reformulação evidente do conceito moderno de subjetividade, é o segundo ponto angular para a constituição de uma Filosofia da Educação. A concepção de método, exposta pelo filósofo no final da obra, será a principal matriz epistemológica proposta para uma Filosofia da Educação elaborada com as marcas da filosofia hegeliana.

1 Essência, aparência e efetividade

Essência, aparência e efetividade é a trilogia conceitual edificadora do livro da *Lógica da essência*. A finalidade maior deste livro é a dinamização de imóveis sistemas ontológicos da tradição filosófica e a consequente integração de conceitos antiteticamente contrapostos por tal tradição. Uma simples visualização do índice deste livro chama a atenção por integrar uma unidade completa sobre o fenômeno e o aparecer. A concepção hegeliana de fenômeno não é o mundo caótico dos objetos da sensibilidade contraposta aos conceitos apriorísticos da filosofia transcendental, mas caracteriza o próprio aparecer da essência. A fundamentação da essência somente é possível quando ela expõe na forma de fenômeno as suas determinações essenciais, vindo a concretizar-se na configuração de uma exterioridade fenomênica qualificada. A *Lógica da essência* hegeliana não tem mais como referência uma essência imutável e eterna escondida por detrás da aparência exterior e imediata, mas a essência identifica-se dialeticamente com o fenômeno no ato dinâmico da exposição e efetivação das

determinações essenciais. Com isto, Hegel integra à razão o que sempre estava fora dela e a ela antiteticamente contraposta, a aparência.

A linguagem hegeliana é extremamente crítica e problematizadora ao destruir antigos arcabouços filosóficos e construir novas formas de argumentação. Ao formular uma Lógica da essência, a compreensão da dinâmica de fundamentação é indispensável. Hegel desqualifica a concepção linear de fundamentação na qual a essencialidade imóvel de um Deus absoluto é fundamento incausado de um mundo finito disposto linearmente. Hegel transforma a linearidade da justaposição hierárquica de seres num modelo circular multiconfigurado no qual a relação entre causante e causado passa a ser uma determinação recíproca. Este universo conceitual não estabelece mais uma diferença analítica entre os seres separados pela essência imóvel, mas integra seres opostos constituídos na relação, tais como pai e filho, professor e aluno, educador e educando, mestre e discípulo etc. No lugar de uma causalidade unilateral e linear, o processo de fundamentação integra uma estrutura multifacetária de elementos no qual muitos são causados por todos e todos são causados por muitos num movimento de mediação global entre os seres.

Esta noção de fundamentação conduz a um resultado importante na organização interna da *Ciência da Lógica*. A realidade não é mais formada por coisas fixas, sólidas e incomunicáveis, mas elas são dissolvidas na estrutura complexa de um movimento relacional. O capítulo sobre “a dissolução da coisa” (*Auflösung des Dings*) destrói as coisas sólidas num movimento multilateral de interação de forças e as antigas coisas se transformam em pólos de convergência de relações, de encontro e de ultrapassagem de múltiplos movimentos relacionais. Aquilo que o senso comum conhece como coisas fixas e incomunicáveis, o livro da Lógica da essência transforma em combinações de relações entre uma multiplicidade de coisas e sujeitos. Neste sistema, cada nó de uma rede é um pólo de múltiplas configurações relacionais que se concentram num determinado ponto de mediação, e todos os nós da rede constituem a multidiversidade de pontos de mediação por onde se condensam todos os movimentos. Hegel desenvolve a sequência sistemática de estruturas relacionais do *todo e da parte*, da *força e da exteriorização* e do *interior e do exterior*. Como o sistema filosófico está organizado numa sequência de círculos que se integram e se ultrapassam, estas estruturas relacionais correspondem, respectivamente, ao mundo dos objetos, ao universo da natureza e à esfera do espírito.

A estrutura categorial da efetividade (*Wirklichkeit*) é o ponto de chegada da Lógica da essência. Hegel desenvolve nesta parte conceitos e raciocínios que surpreendem e estranham qualquer leitor. A efetividade vem a ser o caminho da racionalidade que conduz da interioridade da essência para a exterioridade da aparência e reconduz pelo caminho inverso para a essência. Não se trata, apenas, da passagem de uma dimensão para a outra e do retorno recíproco, mas de um mútuo processo de superação da interioridade da essência pela exterioridade do fenômeno, e da exterioridade do fenômeno pela interioridade da essência. Este processo simultâneo de negativização e de positividade faz da efetividade um círculo aberto de totalização reflexivo no qual, de forma recíproca, o fenômeno integra e supera as determinações da essência, e esta retorna a si mesma numa outra posição.

Um problema privilegiado da efetividade é o conceito de absoluto. Talvez, este é um dos raciocínios mais surpreendentes e inusitados do texto hegeliano. O conceito de absoluto foi abordado por toda a história da metafísica clássica numa sequência de formulações em filósofos como Platão, Aristóteles, Plotino, Tomás de Aquino, Espinosa, Kant etc. Boa parte desta tradição pressupõe um incondicionado transcendente e imóvel contraposto à finitude e contingencialidade do mundo. Neste modelo, o absoluto é a causalidade primeira e necessária do mundo finito impossibilitado de uma auto-organização a partir de si mesmo. Numa radical desconstrução deste modelo tradicional, Hegel constrói um raciocínio complexo integrador de conceitos opostos como absolutividade e relatividade, necessidade e contingência, transcendência e imanência numa disposição circular na qual uma destas dimensões é radicalmente inseparável da outra. Neste modelo de lógica dialética, um absoluto e incondicionado pressuposto à natureza e à história e a elas antiteticamente oposto, também se torna relativo e finito. Neste raciocínio, as mais variadas compreensões de absoluto presentes na História da Filosofia são vazias, abstratas e restritas ao entendimento. Diante destas aporias, Hegel formula um sistema circular, ou uma sequência sistemática de círculos no interior dos quais se difundem e se interpenetram a absolutividade e a relatividade, a incondicionalidade e a condicionalidade, a necessidade e a contingência numa única dinâmica de autocausação e autofundamentação. Desta forma, Hegel não pensa numa incondicionalidade primeira e posteriormente manifestada nas determinações da Filosofia do Real, mas num único processo de sistematização que inclui a universalização e a singularização, a absolutização e a relativização. Para Hegel,

Se a substância como identidade em si e para si em si mesma é diferenciada como a totalidade dos acidentes, assim ela é o poder da mediação. Esta é a necessidade, que na negatividade dos acidentes persiste positivamente e a sua posição no subsistir; este meio é assim a unidade da substancialidade e da acidentalidade mesma, e os seus extremos não tem subsistência autônoma. (WL II, p. 221)¹.

A Lógica da essência se converte numa relação absoluta (*absolute Verhältnis*). Na verdade, este grande livro da *Ciência da Lógica* opera a dura passagem da necessidade absoluta na liberdade da Lógica do conceito. Um dos interlocutores privilegiados deste processo de superação da dura necessidade é Espinosa. Na leitura hegeliana de Espinosa, o sistema espinosista da substancialidade é rigorosamente necessitarista por subsumir os atributos e os modos e carece, por esta razão, do dinamismo da subjetividade moderna. A passagem da *Ciência da Lógica* por esta dura necessidade pode ser negativamente comparada à detonação de uma rocha densa e positivada num sistema dinâmico no qual os pedaços desta explosão são interligados numa estrutura de relações e de pólos relacionais mutuamente condicionados. Na relação absoluta, formada pela síntese da oposição entre a substancialidade e a acidentalidade, a primeira passa a ser a força dinamizadora e organizadora da multiplicidade de acidentes, e a segunda passa a ser a totalidade da substancialidade que a densifica internamente. Nesta correlação integrada dos dois elementos, a substancialidade é resultante da totalização relacional dos acidentes, e estes representam a materialização da substância.

O que Hegel entende por relação absoluta? É o ponto máximo de conciliação entre as polaridades opostas e exclusivas de absolutividade e relacionalidade. Trata-se de um círculo racional internamente estruturado pela teia da infinidade de pontos e de fios que representam os sentidos multilaterais de interligação destes pontos. Neste universo, a absolutividade representa o horizonte e a estrutura global não contraposta a outro sistema que lhe é alheio e extrínseco, e a relação representa a global interdependência dos múltiplos elementos constitutivos desta estrutura. Neste sistema, cada elemento dentre a infinidade quantitativa e constitutiva da totalidade absoluta, representa uma determinada combinação da interrelacionalidade do todo e uma configuração determinada por onde todos os elementos se entrelaçam. Por isto, cada célula do organismo, cada indivíduo histórico, cada planeta do universo é uma totalidade enquanto condensação da multiplicidade relacional, e uma especificidade enquanto forma específica de singularização do todo. Por esta via, a

¹ WL II são as iniciais em alemão do segundo volume da *Ciência da Lógica*, em alemão, *Wissenschaft der Logik*.

absoluticidade e a relatividade apresentam a mesma abrangência quantitativa e equilibram-se no grau de intensidade de mútua compenetração na medida em que a teia relacional abrange todo o universo da substancialidade absoluta, e esta perpassa internamente todos os elementos e os mediatiza universalmente. Esta argumentação torna verdadeira a proposição que indica todas as coisas como relativas perpassadas por uma única substancialidade que as desdobra em várias esferas de organização.

A Lógica da essência é uma teoria das relações. No contexto geral da História da Filosofia, ainda é uma das principais formas de exposição sistemática sobre este tema de fundamental importância para a educação. Esta formulação hegeliana somente é comparável com as atuais teorias da complexidade, da auto-organização e dos sistemas. A educação é constituída num sistema de relações e em círculos de correspondência de relacionados. As relações não eliminam a autonomia dos sujeitos da educação e os pólos das diferentes subjetividades, mas amplia a consistência deles nas múltiplas formas de abertura.

2 Universalidade, particularidade e singularidade

A necessidade não é o principal resultado da *Ciência da Lógica*. Hegel enfatiza com clareza o caminho mais duro e mais árduo da passagem da necessidade na liberdade do conceito. Portanto, a necessidade e a contingência não são as principais referências categoriais para expressar o real, mas o filósofo formula outro sistema categorial resultante na lógica da liberdade. Na estrutura geral do livro da Lógica do conceito, estruturado em subjetividade, objetividade e Ideia, a teoria do conceito é diferenciada em universalidade, particularidade e singularidade. Um dos pontos significativos aqui explicitados é o significado da concepção hegeliana de subjetividade como elemento articulador da Lógica do conceito. A compreensão hegeliana de conceito, única do gênero na grande tradição da História da Filosofia, articula a unicidade do impulso racional do conceito com a multidimensionalidade estrutural dos conceitos de universalidade, particularidade e singularidade. O conceito não impõe o movimento conduzido por uma causalidade mecânica, mas um universo de sentido que desenvolve determinações racionais a partir da força criadora da liberdade. Além da riquíssima estrutura categorial distribuída pelos capítulos deste livro, a Lógica do conceito compreende a dupla faceta da autodeterminação da liberdade e da automanifestação desta inteligibilidade fundamental em estruturas conceituais e nas diferentes esferas do real.

O conceito é constituído pelos momentos categoriais de universalidade, particularidade e singularidade. A universalidade é a constituição de um sentido racional de ilimitada inteligibilidade criadora, uma extensividade racional não limitada pela finitude e pela determinação, referência de reflexividade não destrutível por qualquer força oposta. O conceito, no momento constitutivo da universalidade, é de reflexividade ilimitada e vazia de determinação. Porém, o universal não subsiste na condição de transcendentalidade numênica afastada da realidade, mas a autodeterminação do conceito caracteriza o movimento imanente ao universal em manifestação no estabelecimento da multiplicidade de determinações internas. Se a universalidade é o momento da indiferença, da pura inteligibilidade e transcendência, a particularidade é o momento da determinação, da diferença e da multiplicidade. Porém, a passagem da universalidade para a particularidade não é um sentido racional posterior e exterior ao conceito universal, mas um genuíno autodesenvolvimento imanente que carrega a racionalidade vazia e indeterminada de determinações efetivas. A autodeterminação interna do conceito desenvolve um duplo processo segundo o qual a universalidade é interior à particularidade na condição de essencialidade fundante, e a particularidade é interior à universalidade quando esta representa o círculo de significatividade. A particularidade das múltiplas determinações não é um mundo fenomênico e empírico diante da racionalidade reflexiva do conceito, mas são igualmente racionais. Para Hegel,

Quando a singularidade é posta como uma particular determinação do conceito, assim a particularidade é a totalidade que conceitua todas em si; como esta totalidade é ela o concreto mesmo ou a singularidade mesma. Ela é o concreto também como universalidade determinada; assim ela é a unidade imediata, na qual nenhum momento é posto como determinado, e nesta forma ela perfaz a mediação do silogismo formal. (WL II, p. 298).

O sentido de desdobramento da racionalidade que parte da universalidade unívoca para a particularidade múltipla é contraposto ao movimento da razão que estabelece o retorno à universalidade. Este sentido constitutivo do movimento de autodeterminação do conceito não marca o retorno à universalidade abstrata do primeiro momento, mas uma ampliação e complexificação na forma da universalidade concreta, na concretude da singularidade. Este momento lógico contém a universalidade na forma de um todo autoconsciente, contém, igualmente, a particularidade como um sistema interligado e interdependente de determinações efetivas. A singularização da particularidade representa um caminho racional

de determinação da determinação, ou seja, a especificidade de uma determinação isolada integra-se num outro sentido da racionalidade no qual a multiplicidade é sistematizada na forma de estrutura concreta e complexa. A dimensão da universalidade do conceito determina-se na multiplicidade da particularidade, mas transcende este círculo de efetivação e potencializa-se em outras esferas de efetivação. Cada círculo de passagem da universalidade para a particularidade e o retorno à singularidade perfaz um novo círculo e a sucessão de círculos do conceito estabelece a universalidade concreta em várias esferas que ampliam o processo de totalização reflexiva.

A Lógica do conceito fica incompreensível sem algumas considerações acerca das teorias do juízo e do silogismo. Nestas duas instâncias do conceito, as categorias são dispostas em várias sequências e em vários modelos de mediação, resultando em diferentes significações racionais. Hegel formula uma nova forma de relação entre sujeito e predicado, entre universal e particular. Como ponto de partida, o predicado é uma atribuição universal aplicável ao sujeito e este é uma base singular de conjugação de uma série de predicados. O predicado é um universal que se singulariza no sujeito singular, pois é ali onde encontra a sua base de efetivação. Porém, o predicado é uma atribuição entre múltiplos outros predicados existentes, razão pela qual esta universalidade é uma particularidade. Por outro lado, em razão da complexidade e multiplicidade de predicados inerentes ao sujeito e em função das diferentes partes do sistema filosófico que nele são singularizados, o sujeito é uma totalidade complexa. O predicado restabelece a condição lógica da universalidade ao se distribuir numa multiplicidade de sujeitos singulares e estabelecer uma determinada configuração de mediação entre eles, aproximando-os por algumas características fundamentais.

Na teoria do juízo e do silogismo as categorias de universalidade, particularidade e singularidade integram-se numa mesma estrutura de autodeterminação e autodiferenciação e constituem momentos fundamentais da estrutura global da realidade. Num único universo racional inseparável do processo de constituição da realidade, integram vários movimentos de desenvolvimento, da universalidade abstrata, mediatizada pela particularidade determinada, resultando no caráter sistêmico da totalidade concreta. Na mediação fundamental da universalidade do conceito, cada uma das categorias representa a totalidade do conceito e uma síntese das outras. A universalidade é a totalidade do conceito porque concentra em si o caráter inteligível do movimento de exposição do conceito; a particularidade é a totalidade do conceito na expressão da autodeterminação imanente; enquanto a singularidade é a totalidade

do conceito na estrutura posta e efetivada. Nesta lógica circular de uma sequência de círculos que permanentemente se diferenciam, em cada rotação uma categoria se transforma nas outras e volta a si mesma, cada categoria gira sobre as outras e é, ao mesmo tempo, circunscrita pelas outras; cada categoria incorpora em si mesma as outras como constitutivas e se distribui nelas na lógica da expansão. Neste movimento de autoconstituição da subjetividade absoluta integram-se os movimentos lógicos de horizontalidade através da sucessiva ampliação da estrutura, de circularidade da mútua mediação das categorias que constituem a estrutura global e de verticalidade expressa em diferentes níveis de efetivação.

A teoria hegeliana do conceito é uma noção de subjetividade absoluta. Este impulso vital da *Ciência da Lógica* e de todo o sistema filosófico significa uma clara crítica ao caráter individualista, solipsista e subjetivista da subjetividade moderna. Não se trata da interpretação distorcida da subjetividade absoluta e indiferenciada sobreposta e contraposta aos múltiplos e efêmeros sujeitos finitos que somos nós. No coração da *Ciência da Lógica* há um lugar fundamental para os sujeitos individuais, não na condição de interioridades isoladas e abstratas, mas a “individualidade” subjetiva amplia-se na relação com outros sujeitos, constitui-se o círculo da particularidade comunitária de sujeitos individuais, e múltiplos sistemas de particularidades subjetivas formam a estrutura da subjetividade absoluta. Esta não representa apenas o círculo exterior mais amplo e mais elevado, mas a estrutura global de múltiplas subjetividades individuais organizadas em diferentes esferas. Por outro lado, a universalidade do conceito determina-se nas subjetividades individuais e círculos comunitários particulares como momentos específicos de sua auto-realização e automanifestação. Neste sentido, a complexidade da acepção hegeliana de subjetividade é uma síntese de subjetividade absoluta e intersubjetividade, autodeterminação, autonomia e heteronomia, sistema e liberdade. Nesta configuração da *Ciência da Lógica*, a conjugação entre ontologia e epistemologia faz a totalidade do sistema aparecer nas condições da liberdade e do conhecimento subjetivos e intersubjetivos, contrariamente à Lógica da essência que apareceu nas condições da substancialidade e necessidade.

A noção de conceito exposta por Hegel na lógica subjetiva é, estruturalmente, uma teoria da intersubjetividade. A forma de distribuição e organização dos raciocínios contém a forma lógica de um sistema de intersubjetividade. Quando a Filosofia do Real é exposta na perspectiva da significação racional da Lógica do conceito, entramos no terreno da ética e da sociabilidade. Dentro da estrutura global do sistema filosófico constituída pela *Ciência da*

Lógica, pela Filosofia da Natureza e Filosofia do Espírito, as duas últimas esferas integram a sistemática do real. Na Filosofia do Real há um vasto continente filosófico cuja lógica de exposição corresponde diretamente à inteligibilidade racional das determinações da *Lógica do conceito*. Na teoria hegeliana de Estado como configuração social da *Filosofia do Direito*, a exposição é feita nos parâmetros da lógica da liberdade estruturada pela substancialidade ética e a organização lógica dos poderes do Estado, na articulação entre os sujeitos individuais, organizações comunitárias e a totalidade do Estado.

O desdobramento da *Lógica do conceito* numa Filosofia da Educação e numa prática pedagógica faz da formação da intersubjetividade o desafio maior. A escola não deve estar voltada à formação de indivíduos “livres” preocupados com os resultados individuais, mas deve estar preocupada com a formação das relações humanas em todas as etapas. Na perspectiva dos parâmetros conceituais aqui expostos, a escola deve organizar-se como uma totalidade integrada dos diferentes setores estruturantes da mesma, com movimentos transversais, horizontais e verticais capazes de articular os setores como momentos constitutivos do todo. A organização da escola nestes moldes é a condição básica para a construção coletiva integrada por todos na condição de sujeitos ativos. Seguramente, uma incursão pela *Ciência da Lógica* hegeliana fornece razões bastantes para uma organização do conhecimento, das disciplinas e da estrutura curricular na modalidade sistemática da interdisciplinaridade que transversaliza os diferentes tipos de conhecimento e disciplinas. Para superar a restrita especialização dos docentes em suas disciplinas apresentadas em forma de gavetas incomunicáveis, a formação do corpo docente com capacidade de diálogo interdisciplinar é um imperativo epistemológico e ético para a educação.

Ao desdobrarmos a *Lógica do conceito* hegeliana para a educação e evocarmos as esferas do Estado e da História Universal como os campos de expressão da ética hegeliana, a educação tem como finalidade maior a formação da coletividade, da intersubjetividade e da sociabilidade. Mesmo que a educação, no âmbito escolar, não seja a única responsável pela formação da sociabilidade, a escola deve dispor de uma estrutura organizacional capaz de capacitar os alunos ao convívio social que rompa com os interesses individualistas dos sujeitos. Para Hegel, o principal foco da educação é tornar éticos os homens para a construção de uma sociabilidade na forma política de Estado. Este não é um poder opressor da liberdade dos indivíduos, não é uma estrutura totalitária contraposta às liberdades individuais, mas é uma efetivação da auto-organização da sociabilidade resultante na forma de

intersubjetividade coletiva. O Estado caracteriza uma autodeterminação coletiva da liberdade efetivada na estrutura política própria de organização estatal. Assim, a educação para a eticidade e a coletividade forma nos educandos a consciência da responsabilidade de uns para com os outros no equilíbrio entre o exercício dos direitos e deveres.

3 Método e Epistemologia

A parte conclusiva da *Ciência da Lógica* contém princípios teóricos significativos e referenciais para uma Filosofia da Educação. Toda a obra converge para a compreensão hegeliana do método sistematizada pelo filósofo no capítulo final da Ideia absoluta. Método não é uma forma exteriormente aplicada ao conteúdo, não é um procedimento exterior para organizar um conteúdo disperso, mas o próprio conteúdo no movimento de autoconstituição racional.

A Lógica do conceito culmina no capítulo final sobre a Ideia absoluta. Para uma teoria do método, Hegel compõe uma nova forma de relação entre subjetividade e objetividade, método e estrutura, lógica e sistema filosófico. A formulação hegeliana não se compara com uma substancialidade ontológica em si mesma posteriormente assimilada pelo sujeito cognoscente, não se compara com um sistema transcendental de categorias aplicadas aos fenômenos vazios e não se compara com a identificação imediata de subjetividade e objetividade no sistema de Schelling. Na conclusão da lógica hegeliana, a subjetividade e a objetividade constituem duas polaridades integradas e inseparáveis de um mesmo complexo metódico e epistemológico, duas dimensões mutuamente determinadas uma na outra, e duas dimensões que se transcendem mutuamente. Para Hegel,

Esta ampliação pode considerar-se como o momento do conteúdo, e, em seu conjunto, como a primeira premissa: o universal se comunicou à abundância do conteúdo, e conservado diretamente neste. Mas a relação tem também o seu segundo lado, o negativo ou dialético. O enriquecimento progride na necessidade do conceito, está contido por este, e cada determinação é uma reflexão sobre si. Cada novo grau do sair si de uma ulterior determinação, é também um adentrar em si, e a maior extensão é igualmente maior intensividade. Por conseguinte, o mais rico é o mais concreto e mais subjetivo, e o que se retira à profundidade mais simples, é o mais poderoso e o mais abrangente. (WL II, p. 569).

Os fluxos racionais da *Ciência da Lógica* não conduzem a um estágio final imóvel e excludor do movimento dialético, mas a estrutura do método caracteriza uma pulsão de

negativização e de positivação entre a interiorização e a exteriorização da razão. O método hegeliano desenvolve um tensionamento entre a universalidade subjetiva e a universalidade objetiva, duas dimensões idênticas em função da inversão de uma na outra, e duas dimensões distintas pela mútua transcendência. Nestas condições, a universalidade subjetiva compreende a intensividade da reflexão e a presença a si da razão, e a universalidade objetiva compreende a estrutura sistemática exterior resultante da automanifestação da razão. A tensão dialética entre identificação e diferenciação destas duas dimensões tem como consequência imediata a ampliação da estrutura da razão na mútua mediação da subjetividade e da objetividade. A passagem da primeira na segunda caracteriza um processo de efetivação que supera a mera formalidade da razão e transpõe a dimensão subjetiva da *Ciência da Lógica* na sistemática do real. De forma imediata, a subjetividade é negada porque ela se transpõe na estrutura da substancialidade, mas é reconduzida à interioridade num outro nível de reflexividade. Por outro lado, a dimensão subjetiva representa a reflexividade própria da objetividade que penetra na interioridade numa sucessão de círculos nos quais a objetivação mediatiza a constituição de outro grau de qualificação da racionalidade, enquanto a interiorização subjetiva mediatiza a objetivação numa outra esfera universalidade concreta.

A noção hegeliana de método significa a racionalidade do conteúdo no próprio processo de autodeterminação e autodesenvolvimento. Hegel não inferioriza a efetividade do real em relação à inteligibilidade da razão sistematicamente exposta na *Ciência da Lógica*, mas o próprio real evolui num processo metódico de autoconstrução racional. Neste dinamismo, a mais intensa interioridade e autoreflexividade coincidem com a expressão desta razão na maior extensão da totalidade concreta e efetiva. Como o impulso da subjetividade e a estrutura da objetividade não são determinações fixas e estaticamente opostas, a tradução da primeira na segunda é configurada como a objetividade da subjetividade; a reflexividade da objetividade que mergulha para dentro de si mesma é a subjetividade da objetividade. Desta forma, nenhuma das duas dimensões do método constitui simplesmente uma parte exteriormente relacionada com a outra parte, mas a subjetividade e a objetividade, simultaneamente, contêm o outro e cada qual caracteriza o todo do método. Por esta razão, no dinamismo de ampliação da estrutura, a Ideia absoluta é inteiramente subjetividade e inteiramente objetividade. O problema fica mais claro quando este impulso sistemático é traduzido para a Filosofia da História como referência epistemológica da compreensão dialética da Filosofia da Educação. Um universo de significatividade filosófica global

correspondente ao conjunto de filósofos, obras filosóficas e sistemas filosóficos de uma época caracteriza a tradução da efetividade histórica na reflexividade filosófica correspondente à filosofia de determinado período. Nesta lógica, os filósofos sistematizam a autocompreensão do homem nos rigores sistemáticos do pensamento filosófico. Por outro lado, como o processo de sistematização filosófica perpassa a história e expõe criticamente as suas determinações culturais e políticas, a estrutura de efetividade de um contexto é transformada num novo círculo de efetividade histórico que requer novos padrões de sistematização filosófica.

A teoria hegeliana do método fornece princípios teóricos e epistemológicos importantes para uma Filosofia da Educação. A concepção epistemológica implícita à prática quotidiana em sala de aula não deve ser inspirada na mecânica transmissão de conteúdos a serem passivamente assimilados pelos alunos, mas a prática pedagógica deve ter como pano de fundo uma compreensão crítica, sistemática e problematizadora do mundo. Neste sentido, a pressuposição epistemológica sustentadora da prática pedagógica é um processo de inserção dos educandos no mundo e na história. Numa tradução da dialética da subjetividade e da objetividade como estrutura do método na *Lógica* hegeliana para o campo educacional, um dos desafios maiores da educação é o mergulho para dentro do mundo quando é captado o seu sentido, as suas determinações e a sua estrutura. Num segundo momento, o processo epistemológico estabelece uma distância em relação ao mundo quando este é compreendido teoricamente através de um sistema de argumentos. Por outro lado, o processo de distanciamento do mundo representa uma instância mais qualificada de aproximação ao mundo através de uma ampla compreensão teórica. A noção epistemológica, de Paulo Freire, lança amplamente as suas raízes na *Ciência da Lógica*:

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da subjetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade (FREIRE, 2008, p. 41).

A objetividade do mundo não é uma entidade estática, um dado independente em relação ao conhecimento e experiências dos sujeitos, mas a condição objetiva lhe é auferida através do conhecimento que os sujeitos têm dele. O mundo tem caráter de objetividade em função da objetivação por parte dos sujeitos cognoscentes e a interioridade tem o caráter de

subjetividade porque é constituída dialeticamente a partir do conhecimento da realidade. A relação pedagógica que envolve o conhecimento é capaz de reconhecer o processo de transformação do mundo, dos sujeitos e de mútua transformação de um no outro. A relação dos homens com o mundo forma uma dinâmica interminável de novas estruturas de objetividade e de novas exigências epistemológicas de problematização do mundo. Os diferentes modelos de filosofia desenvolvidos ao longo da História da Filosofia e os concomitantes modelos de Filosofia da Educação são resultado da relação circular entre a evolução histórica das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais e das formas de pensamento filosófico resultantes da leitura crítica e problematizadora deste sistema da objetividade do mundo.

O ponto de convergência de todas as estruturas argumentativas e sistemas categoriais da *Ciência da Lógica* conciliadas no capítulo final sobre o método apresentam um desafio epistemológico para a educação. Uma inspiração na concepção hegeliana de método, evidencia o universo dos conhecimentos filosóficos, teorias científicas e toda forma de saberes sistematizados, não como conhecimentos definitivamente constituídos e consolidados, mas são resultantes do conhecimento do mundo. Estes saberes têm como significação fundamental a inteligibilidade do mundo sistematizada na forma das exigências teóricas de cada saber. A evolução do mundo e da história desafia a permanente atualização dos saberes. Neste sentido, a fundamentação filosófica e epistemológica do conhecimento na vida escolar não consiste na reprodução e transmissão do saber já consagrado, mas os conhecimentos construídos dentro das escolas têm como finalidade maior o conhecimento crítico e problematizador do mundo. O estudo de um objeto por uma disciplina específica não deve ser encarado como uma coisa pura, mas aparece na perspectiva da estrutura epistemológica mais ampla do mundo.

Considerações finais

O artigo procurou evidenciar a significação atual da *Ciência da Lógica* publicada por Hegel há 200 anos. Nas festividades relativas ao bicentenário de lançamento desta obra filosófica os desafios de leitura e reinterpretação são evidentes. Num texto de larga penetração filosófica, pois lá encontramos uma ontologia, uma lógica, uma epistemologia, uma teologia especulativa, uma filosofia transcendental, uma história da filosofia, um conjunto de múltiplas

disciplinas filosóficas sistematicamente organizadas nas mais rigorosas exigências da interdisciplinaridade. Desta forma, uma leitura completa da obra que identifica a estrutura metódica do texto e as funções nela inscritas, já é um ato educativo de excelência.

A *Ciência da Lógica* também pode ser lida a partir de outros enfoques. Há nela pressupostos teóricos suficientes para uma completa e atualizada Filosofia da Educação. O universo teórico do texto fornece múltiplas referências para um embasamento teórico das práticas educativas comprometidas com uma formação crítica, contextualizadora e com a transformação da realidade. Na consideração de múltiplas estruturas argumentativas fornecidas pela obra, ela já inspirou teorias pedagógicas de vários autores contemporâneos, sem considerar a teoria hegeliana de educação formulada em outros textos. Na obra do conhecido educador brasileiro Paulo Freire há múltiplos raciocínios estruturantes diretamente derivados da *Ciência da Lógica* hegeliana.

O texto aqui apresentado procurou extrair da *Ciência da Lógica* alguns elementos estruturantes para uma teoria dialética da relação educativa. Para isto, reconstruímos os argumentos a partir de três momentos fundamentais desta obra hegeliana em questão. Contra as oposições típicas da metafísica tradicional, evidenciamos a síntese hegeliana entre essência e aparência, substância e acidente, necessidade e contingência na teoria da relação absoluta. Para Hegel, a realidade não pode mais ser derivada de uma substância eterna e imutável, nem na visão de coisas sólidas e fixas, mas num dinamismo que inclui os seres em complexos sistemas de relações. Um segundo momento foi a demonstração de alguns elementos da teoria hegeliana da subjetividade formada por uma infinidade de subjetividades individuais que constituem um movimento amplo e complexo de intersubjetividade. Por último, evidenciamos a estrutura metódica da filosofia hegeliana segundo a qual o ato educativo é inseparável da problematização do mundo na qual os saberes se atualizam em base à relação cognitiva do homem com a objetividade do mundo. Para a formulação de uma Filosofia da Educação no contexto das sociedades complexas da atualidade, a *Ciência da Lógica* é uma referência filosófica quase imprescindível.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 47ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993b